

# História de um comercian

texto / text **Maria da Luz P. Dias**  
fotos / photos **Artur Ferreira**

Na margem sul do rio Limpopo, a poucos quilómetros da foz, existe uma campina com uma enorme cruz que se avista a grande distância e se destaca no meio da planície ribeirinha. O local não fica longe do *Zongoene Lodge* e os barcos de recreio deste hotel, que levam os turistas em passeio pelo rio, passam frequentemente ao lado desta campina cuja história é para muitos desconhecida.

Mas a população da zona, sobretudo os mais velhos, ainda se recordam da sua história. Ali está enterrado o Mafambacheca, nome pelo qual era conhecido em todo o sul do Save o negociante de marfim português, Diocleciano Fernandes das Neves. Ele foi amigo pessoal de Muzila, e desempenhou um papel importante na luta entre este e o seu irmão Mawewe, pela sucessão ao trono do Reino de Gaza, após a morte de Sochangane em 1858.

Diocleciano nasceu em 1829, perto da Figueira da Foz, e veio para Moçambique aos 25 anos para tentar fortuna. Começou por ser funcionário da alfândega na pequena povoação de Lourenço Marques (actual Maputo), mas depressa se aborreceu com a corrupção e abusos praticados por funcionários do governo e militares. Em 1859, abandonou a função pública para se dedicar ao negócio do marfim, que passara a ser a principal actividade comercial no sul de Moçambique na segunda metade do século XIX, após o declínio do tráfico de escravos.

Mafambacheca (ou Mafambahleca) significa, nas línguas Ronga e Changane, “aquele que caminha rindo” e Diocleciano recebeu esta alcunha por ser um homem alegre, bem disposto e com um apurado sentido de humor. Ele falava Ronga, Changane e Zulu fluentemente e foi talvez o primeiro português a escrever em línguas Bantu, como se pode ver no livro que publicou em Lisboa em 1878, “Itinerário de Uma Viagem à Caça dos Elefantes”. Entre os falantes de língua Zulu ou Ngúni ele era conhecido como Maambatabil, que tem o mesmo significado que Mafambacheca.

Mas como era a vida de um comerciante de marfim no século XIX? Embora pudessem ser eles próprios amantes da caça, os comerciantes contratavam caçadores africanos para a caça dos elefantes. Segundo Mafambacheca, os homens das cercanias de Lourenço Marques eram “*indisputavelmente os primeiros atiradores e os melhores caçadores de elefantes de toda a África Oriental*”. Os comerciantes mandavam regularmente os seus caçadores em viagens ao interior, fornecendo-lhes todo o material necessário, incluindo armas, munições e fazendas para trocar por mantimentos nas aldeias por onde passavam. Cada caçador recebia de acordo com a quantidade de marfim trazida, depois de deduzidas as despesas da viagem. Os preparativos de uma caçada seguiam uma determinada praxe. Primeiro, o comerciante contratava

os carregadores, sendo quatro por cada caçador e mais alguns para o transporte de fazendas. De seguida, os próprios caçadores procediam à fundição das balas, tarefa que durava cerca de quatro dias, dando depois lugar a uma grande festa no quintal do comerciante para a distribuição das balas, pólvora e cápsulas, festa que incluía muita aguardente, danças e cantos pela noite fora. Acabada a festa, os caçadores iam para suas casas consultar o *nyanga* (curandeiro) e fazer algumas cerimónias e rituais para obter a protecção dos antepassados de modo a que nada corresse mal durante a caçada. Só então os caçadores e os carregadores se apresentavam de novo em casa do comerciante para receberem as últimas orientações antes da partida.

Após a morte de Sochangane (rival de Chaka Zulu, e fundador do Reino de Gaza), desencadeou-se uma terrível guerra civil pela disputa do trono. Mawewe, um dos filhos de Sochangane, expulsara e mandara matar alguns dos seus irmãos, e Muzila, que seria o filho mais próximo na linha de sucessão, teve que refugiar-se na zona de Zoutpansberg, na antiga República Boer do Transval. As *impis* (regimentos) de Mawewe faziam constantes razias e pilhagens nos arredores de Lourenço Marques, criando dificuldades para todos os comerciantes, incluindo os de marfim. Por esta razão, Mafambacheca resolveu organizar uma grande viagem até às terras mais longínquas do interior, para efectuar com maior segurança a caça ao elefante.

Em Setembro de 1860 ele partiu à frente de uma grande caravana com um total de 253 homens, incluindo 120 carregadores com géneros para vender aos *boers* de Zoutpansberg, 30 carregadores com fazendas para compra de mantimentos e outras despesas da viagem, três chefes dos carregadores e 17 caçadores com os seus respectivos 68 carregadores. Mafambacheca levava cinco carregadores para a sua bagagem e mais quatro criados. Na liderança ele era apoiado por um lugar-tenente (que era primeiro chefe de guerra do clã Mfumo e também afamado caçador de elefantes) e por um sub lugar-tenente, com os seus quatro carregadores. A bagagem pessoal de Mafambacheca era composta por um colchão com respectiva almofada e cobertor, uma lata grande com açúcar, outra igual com “bolachinhas americanas”, uma mala com roupa e uma caixa contendo uma lata com chá, outra com açúcar, duas xícaras com pires, dois

talheres, um bule de folha, oito maços de velas de estearina e uma lata com cerca de 3,6 kg de sal.

A caravana saiu de Lourenço Marques e, caminhando pelo mato, atravessou os rios Incomáti, Sabié e dos Elefantes. Daqui, contornando para Oeste, atravessou o rio Letaba (dentro do actual Parque Nacional do Kruger) e chegou a Zoutpansberg. Aqui, Mafambacheca permaneceu durante algum tempo em casa de seu amigo João Albasini (negociante e vice-consul português na República do Transval). Enquanto isso, os seus caçadores rumaram para leste, para a área de Chicualacula, junto do rio Limpopo, onde efectuaram a grande caçada. Em apenas dois meses, Outubro e Novembro, abateram 55 elefantes. Com receio de ser assaltado pelos homens de Mawewe na viagem de regresso a Lourenço Marques, Mafambacheca vendeu a maior parte do marfim a um comerciante indo-português que se encontrava em Zoutpansberg.



# te de marfim do século XIX

## Story of a 19th Century Ivory Trader

On the south bank of the Limpopo, a few kilometres from the river mouth, lies a grave with a huge cross that can be seen from afar, standing out in the midst of the riverside plain. The place is not far from Zongoene Lodge, and the leisure craft from this hotel, taking tourists for rides on the river, often pass by this grave whose history is unknown to many.

But the local population, especially the elderly, still remember its story. There lies Mafambacheca, the name by which Diocleciano Fernandes das Neves, a Portuguese ivory trader, was known throughout the region to the south of the Save. He was a personal friend of Muzila, and played an important role in Muzila's struggle with his brother Mawewe for the succession to the throne of the Kingdom of Gaza, following the death of Sochangane in 1858.

Diocleciano was born in 1829, near Figueira da Foz, and he came to Mozambique at the age of 25 to try his fortune. He began as a Customs officer in the small settlement of Lourenço Marques (now Maputo), but soon became tired of the corruption and abuses by government officials and military personnel. In 1859, he abandoned the civil service to dedicate himself to ivory trading, which had come to be the main commercial activity in southern Mozambique in the second half of the 19th Century, following the decline in slave trading.

Mafambacheca (or Mafambahleca), in the Ronga and Changane languages, means "he who walks laughing" and Diocleciano was thus nicknamed because he was a light-hearted and good-humoured man with a keen sense of humour. He spoke Ronga, Changane and Zulu fluently and was perhaps the first Portuguese to write in Bantu languages, as can be seen in the book he published in Lisbon in 1878, "Itinerary of an Elephant Hunting Trip". Among Zulu or Nguni speakers, he was known as Maambatabil, which has the same meaning as Mafambacheca.

But what was the life of an ivory trader like in the 19th Century? Although they might themselves love hunting, the traders hired Africans to hunt the elephants. According to Mafambacheca, the men from around Lourenço Marques were "without a doubt the finest shots and the best elephant hunters in the whole of Eastern Africa". The traders often sent their hunters on journeys to the hinterland, supplying them with all the necessary materials, including arms, munitions and cloths to exchange for food in the villages they passed through. Each hunter would receive a sum of money for the ivory he brought back, after deducting the costs of the journey. Preparations for a hunt followed a set pattern. First, the trader would hire the African carriers, four for each hunter and a few extra to carry the cloths. Then the hunters would smelt the bullets themselves, a task which took

around four days, after which there would be a big celebration in the trader's backyard to distribute the bullets, gunshot and cartridge shells, and the party would involve a lot of grape brandy, dancing and singing into the night. Once the party was over, the hunters would return to their homes to consult the *nyanga* (witchdoctor) and perform certain ceremonials and rituals to obtain the protection of their ancestors so that nothing might go wrong during the hunt. Only then did the

hunters and carriers present themselves again at the house of the ivory trader to receive their last instructions before setting off.

After the death of Sochangane (Chaka Zulu's rival and the founder of the Kingdom of Gaza), a terrible civil war broke out in dispute over the throne. Mawewe, one of

Sochangane's sons, had expelled some of his brothers and ordered them to be killed, and Muzila, who would be the closest son in the line of succession, had to take refuge in the area of Zoutpansberg, in the former Boer Transvaal Republic. Mawewe's *impis* (regiments) were constantly raiding and pillaging around Lourenço Marques, making difficulties for all of the merchants, including the ivory traders. For that reason, Mafambacheca decided to organize a big journey to the more remote lands of the interior to be able to hunt elephants more safely.

In September 1860 he set out at the head of a large caravan with a total of 253 men, including 120 carriers with provisions to sell to the *Boers* of Zoutpansberg, 30 of them with goods for buying food and pay other travel costs, three chief carriers, plus 17 hunters with their own 68 carriers. Mafambacheca had five men to carry his own luggage and another four as servants. To lead the expedition, he was supported by a lieutenant (who was first war chief of the Mfumo tribe and also a renowned elephant hunter), a sub-lieutenant and four carriers. Mafambacheca's personal luggage consisted of a mattress with pillow and blanket, a large tin of sugar, another tin containing "American biscuits", a trunk of clothing and a box with a tin of tea, one of sugar, two teacups with saucers, two cutlery place settings, a tin teapot, eight packs of stearin candles and a tin with around 3.6 kg of salt.

The caravan left Lourenço Marques and, passing through the bush, crossed the rivers Incomáti, Sabié and dos Elefantes. From here, turning to the West, it crossed the Letaba River (in today's Kruger National Park) and arrived in Zoutpansberg. Mafambacheca stayed here for a while at the house of his friend João Albasini (a trader and Portuguese vice-consul in the Transvaal Republic). Meanwhile, the hunters headed East, to the area of Chicualacula, by the Limpopo River,

where they had great hunting. In only two months, October and November, they killed 55 elephants. Fearful that he might be attacked by Mawewe's men



A cerca de 6km do actual acampamento de Letaba, no Parque Nacional do Kruger, existe ainda hoje uma cruz gravada numa árvore de grande porte (*Combretum imberbe*, vulgo mondzo), que é um testemunho da passagem de Mafambacheca pelo rio Letaba durante esta viagem (possivelmente onde ele fez a travessia). Os mapas turísticos deste parque identificam o local da cruz como “Das Neves Cross”.

Durante a estadia em Zoutpansberg, Mafambacheca teve um encontro com Muzila, que ali estava exilado, tendo-lhe este pedido que contactasse o régulo Maxaquene, de Ka-Mfumo, assim como o Governador de Lourenço Marques, para que as forças deste distrito se aliassem ao seu exército na luta contra Mawewe. Deste modo Muzila passou a contar com mais 14.000 homens no seu exército, provenientes dos regulados de Ka-Mfumo, Matola, Mahotas, Magaia e Ka-Tembe (todos a sul do Incomati e tributários da coroa portuguesa). Por outro lado, Mafambacheca e os outros negociantes de marfim mandaram 2.000 caçadores de elefantes com as respectivas armas e munições para o exército de Muzila. Em troca teriam direito aos despojos, que no final foram significativos: milhares de bois e algumas centenas de pontas de marfim. Não ficando por aqui, Mafambacheca mandou emissários seus ao rei Mswati (dos Suázis) com um grande *saguete* (presente) para que ele convencesse o seu genro Mawewe a terminar com a guerra, o que veio finalmente a acontecer em 1864.

A diplomacia e o apoio dado por Mafambacheca a Muzila foram cruciais para a vitória deste sobre o seu irmão Mawewe. Por isso, não é de admirar que Mafambacheca tivesse obtido de Muzila uma grande concessão de terra junto à foz do Limpopo para se dedicar à exploração agrícola, visto que, no último quartel do século XIX, o negócio do marfim começara a entrar em declínio, devido à redução do número de elefantes. A zona concedida fazia parte integrante do Reino de Gaza, que ia desde o Incomati até ao Zambeze, e estava fora do território controlado pelos portugueses.

Porém, a estadia de Mafambacheca na foz do Limpopo não foi muito longa. Tendo chegado em Janeiro de 1881, acabou por falecer em Fevereiro de 1883.

Segundo reza a tradição oral, poucos dias após o seu enterro, chegaram duas *impis* pertencentes à guarda pessoal de Gungunhana (filho de Muzila, e seu sucessor) para prestarem uma última homenagem àquele *melungo* (branco), que consideravam grande amigo. Os guerreiros, armados de zagaia e escudo, postaram-se em redor da campa durante algumas horas em silêncio e, antes de se retirarem, gritaram numa só voz a saudação que só cabia aos grandes chefes: *bayete!* ■



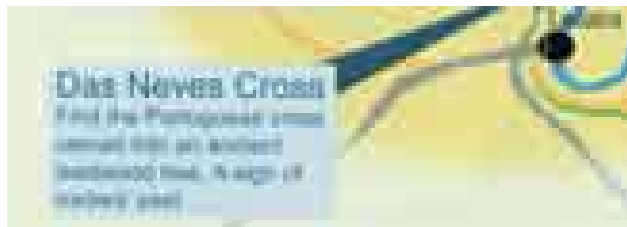
on the return journey to Lourenço Marques, Mafambacheca sold most of the ivory to an Indo-Portuguese merchant he met in Zoutpansberg.

Around 6km from today's Letaba camp, in the Kruger National Park, there is still a cross engraved in a large tree (*Combretum imberbe*, commonly known as mondzo), that bears witness to Mafambacheca's passage along the Letaba River during this voyage (possibly where he made the crossing). The tourist

maps of this Park identify the site as “Das Neves Cross”.

During his stay in Zoutpansberg, Mafambacheca had a meeting with Muzila, who was exiled there, and who asked him to contact the chief of the Maxaquene, of Ka-Mfumo, and the Governor of Lourenço Marques, requesting an alliance between their forces and his army in the fight against Mawewe. Hence, Muzila was able to count an extra 14,000 men in his army, from the kingdoms of Ka-Mfumo, Matola, Mahotas, Magaia and Ka-Tembe (all south of the Incomati and tributaries to the Portuguese crown). On the other hand, Mafambacheca and the other ivory traders sent 2,000 elephant hunters with weapons and ammunition to Muzila's army. In exchange, they would have the rights to the spoils, which, in the end, were significant: thousands of oxen and hundreds of elephant tusks. Not stopping there, Mafambacheca sent his emissaries to king Mswati (of the Swazis) with a large *saguete* (present) asking him to persuade his son-in-law Mawewe to end the war, which finally came to pass in 1864.

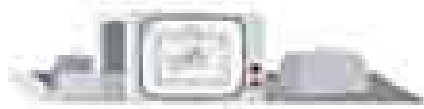
Mafambacheca's diplomacy and support were crucial in helping Muzila to victory over his brother Mawewe. It is therefore no surprise that Mafambacheca would receive from Muzila a large concession of land close to the mouth of the Limpopo River so that he could dedicate himself to agriculture as in the last 25 years of the 19th Century the ivory business had begun to decline due to the diminishing number of elephants. The area thus granted was an integral part of the Kingdom of Gaza that stretched from the Incomati to the Zambeze, and was outside of the territory controlled by the Portuguese.



However, Mafambacheca's sojourn at the mouth of the Limpopo did not last long. Having arrived on January 1881, he died on February 1883. Oral tradition says that a few days after his burial, two *impis* arrived, members of the personal guard of Gungunhana (Muzila's son and successor) to pay a last homage to that *melungo* (white man), whom they considered to be a great friend. The warriors, armed with assegai and shield, stood guard around the grave for some hours in silence and, before retiring, called out in one voice the greeting reserved for the great chiefs: *bayete!* ■



**“Responsabilidade Social Corporativa é um modelo de gestão, de solidário universalismo, direccionado a práticas de governança corporativa, associando o lucro ao desenvolvimento sustentável.”**

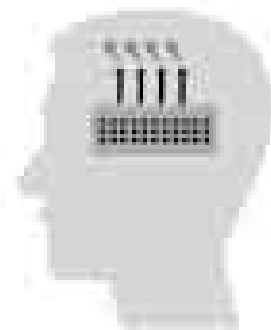


**Não acredita na sorte.**

A sua empresa está preparada para identificar e gerir os riscos do seu negócio? Conte com a líder mundial no segmento. Fale com a **Ernst & Young**.

CONTACTE A  
**ERNST & YOUNG**  
COM VISTA A  
IMPLEMENTAR

A SOLUÇÃO CERTA DE  
**OPTIMIZAÇÃO FISCAL**



Para a sua empresa **desenvolver**

ou para a sua empresa **ser competitiva**  
ou para a sua empresa **ganhar novos mercados**  
ou para ter todo isto de uma vez só. **Ernst & Young**

Quando a **junção** é boa,  
vê-se.

Conhecer a sua maneira de trabalhar  
faz a diferença na forma como nós trabalhamos.  
E com a nossa rede global de pessoas  
que antecipam as suas necessidades,  
pode ver os resultados muito mais depressa.  
Juntos, podemos capitalizar mais e melhor.  
Vemos juntar-nos. [www.ey.com](http://www.ey.com)

[ern.young@toledata.mr](mailto:ern.young@toledata.mr)

Rua Sármio Otábas Mourão, nº 119 • Telefone: 252 21 32 40 404 - 95 30 50 • Fax: 252 21 3219 84 • E-mail: [ern.young@toledata.mr](mailto:ern.young@toledata.mr) • C.P. 368 • Matos

• AUDITORIA • FISCALIDADE • CONSULTORIA

**ERNST & YOUNG**

Quality In Everything We Do.